

## **GRAMSCI E SUA TEORIA DO INTELECTUAL ORGÂNICO: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES**

Eixo: Gramsci e o marxismo

Scarlett O'hara Costa Carvalho<sup>1</sup>  
Eveline Figueiredo da Silva<sup>2</sup>  
Daniele Kelly Lima de Oliveira<sup>3</sup>

### **RESUMO**

Neste artigo pretendemos recuperar o caráter revolucionário da biografia de Antonio Gramsci, intelectual marxista do século XX e empreender um esforço de compreensão preliminar acerca de sua teoria dos intelectuais orgânicos. Nesse sentido, nos apropriamos de diversos estudos biográficos sobre o intelectual italiano, como a dos pesquisadores Manacorda (1990), Maestri e Candreva (2007), Coutinho (1981) e sobretudo aquela realizada por Giuseppe Fiori (1979) e considerações a partir dos escritos do próprio Gramsci, estudados no grupo de estudos Gramsci e a Formação do Educador, abrigado no seio dos estudos realizados pelo Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário IMO da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e do grupo de pesquisa Educação e Formação Humana em Antonio Gramsci: um estudo a partir dos Cadernos do Cárcere (1929-1935), da Universidade Federal do Ceará (UFC).

**Palavras-chave:** Gramsci. Marxismo. Intelectual orgânico.

### **Abstract:**

In this article we intend to recover the revolutionary character of the biography of Antonio Gramsci, Marxist intellectual of the twentieth century and undertake a preliminary effort to understand about his theory of organic intellectuals. Accordingly, appropriated in various biographical studies of the Italian intellectual, as researchers Manacorda (1990), Maestri and Candreva (2007), Coutinho (1981) and especially that conducted by Giuseppe Fiori (1979) and considerations from the writings of Gramsci, Gramsci studied in group studies and Training Educator, housed within the studies conducted by the Institute for Studies and Research of the Labor Movement IMO State University of Ceará (UECE) and the research group Education and Training in Human Antonio Gramsci: a study from the Prison Notebooks (1929-1935), the Federal University of Ceará (UFC).

**Keywords:** Gramsci. Marxism. Organic intellectual.

---

1 Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará

2 Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará

3 Professora do Centro de Educação (CED-UECE) e doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira (PPGEB-UFC) Membro do Grupo de estudos Gramsci e a formação do educador – IMO/UECE e do Grupo de pesquisa Educação e formação humana em Antonio Gramsci: um estudo a partir dos Cadernos do Cárcere (1929-1935) - UFC

## Gramsci: um intelectual revolucionário

*Estou tranquilo e sereno, moralmente estava preparado para tudo, tentarei superar até mesmo fisicamente as dificuldades que me esperam e permanecer equilibrado. (GRAMSCI, 2005a, p. 76).*

O trecho acima faz parte de uma carta de Gramsci enviada à mãe poucos dias após sua prisão pelo regime fascista, em 1926. Embora preocupado com os possíveis danos que seu encarceramento pudesse repercutir na figura materna<sup>4</sup>, o então secretário do Partido Comunista da Itália esclarece que esse fato era inerente a escolhas políticas e ideológicas<sup>5</sup>.

A obra de Gramsci tem sido objeto de estudo de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento e em meio a tantas pesquisas, algumas apontam o militante comunista como adepto de uma teoria reformista.

Na contramão dessa perspectiva reformista, nosso objetivo nesse artigo é recuperar a biografia do pensador italiano Antonio Gramsci, filósofo, político, jornalista e referência do pensamento marxista do século XX, primando pelos aspectos que apontam Gramsci como um marxista revolucionário, isto é, pensamos o italiano, como um exemplo de resposta àquela necessidade apontada por Marx e Engels em sua décima primeira Tese sobre Feuerbach “os filósofos apenas interpretaram o mundo de diversas maneiras; porém o que importa é transformá-lo” (MARX e ENGELS, 2007, p. 539).

A militância de Gramsci demonstra sua clara preocupação em romper com os limites de uma sociedade baseada na exploração do homem pelo homem, sustentada pela divisão social do trabalho e numa pseudo-liberdade, como assevera Tonet (2007), “Apesar de a liberdade também existir na sociedade capitalista, ali ela jamais poderá deixar de ter um caráter formal, uma vez que, em última análise quem é livre é o capital e não o homem” (2007, p. 18).

Para isso, além da leitura da obra do próprio Gramsci, foi necessária a leitura de alguns pesquisadores da vida e obra do filósofo italiano, dentre eles contamos com

4 O pai de Antonio, Francesco Gramsci foi preso por cinco anos, pela acusação de peculato e corrupção.

5 Em outra carta à mãe, em 1927, Gramsci pediu que explicassem a sobrinha Edmea que tanto o exílio do pai da menina, Gennaro – irmão mais velho de Gramsci – quanto a prisão do tio tinham razão política: “devem lhe explicar que seu pai hoje não pode voltar do exterior, e isto se deve ao fato que Nannaro, tal como eu, e muitos outros, pensamos que as muitas Edmeas que vivem neste mundo deveriam ter uma infância melhor do que a que tivemos e ela mesma tem” (id, Ibid, p. 121).

Manacorda (1990), Maestri e Candreva (2007) e Coutinho (1981). Destacamos que uma leitura de fundamental importância nesse trabalho foi a da obra *“A vida de Antonio Gramsci”*, de Giuseppe Fiori (1979), realizada pelas duas primeiras autoras sob coordenação da terceira autora, no grupo de estudos Gramsci e a formação do educador, abrigado no Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário (IMO) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e também por estudos realizados pelo grupo de pesquisa Educação e Formação Humana em Antonio Gramsci: um estudo a partir dos Cadernos do Cárcere (1929-1935), da Universidade Federal do Ceará (UFC).

É interessante notar que embora Giuseppe Fiori, como nos informa Konder, fosse marxista, fez um trabalho primoroso de pesquisa sobre a vida e obra do filósofo marxista italiano:

Fiori realizou minuciosas investigações, entrevistou várias dezenas de pessoas, reconstituiu infância de Gramsci na Sardenha, seu quadro familiar de pobreza na aldeia de Ghilarza, sua vinda aos 18 anos para Cagliari, sua ida para a Universidade de Torino, onde quase morre de frio e de fome. [...] Fiori recorda tudo isso. Mas também reconstitui o tecido humano do combatente, seus sentimentos íntimos, suas vicissitudes mais estritamente pessoais. O que esse livro nos dá, portanto, é uma imagem global de um dos maiores vultos do Século XX. (1979, p. 1).

De acordo com a leitura da referida obra pudemos conhecer a vida e o contexto histórico no qual Gramsci produziu sua obra, ou seja, desde a mais tenra idade, onde este era conhecido como Nino até sua prematura morte em 27 de abril de 1937, aos 46 anos, em Roma, Itália.

Antonio Gramsci era filho de Francesco Gramsci e Peppina Marcias, sendo o quarto dos sete filhos do casal. Gramsci nasceu em 22 de janeiro de 1891 em Ales, na Sardenha.

No primeiro momento da obra, Fiori vem contextualizando toda a época na qual Gramsci viveu, fazendo um relato sobre o casamento dos pais de Gramsci, de como e onde viviam, suas dificuldades até a prisão do seu pai, fato que desestruturou toda família, tendo em vista ser uma família pobre e numerosa.

Com a prisão de Francesco, Peppina ficou responsável por sete filhos, adotando uma postura que marcou Gramsci para toda a vida, como podemos perceber em uma de suas cartas ao irmão, já escritas na prisão:

[...] se pensar bem, ela merece muito mais do que paciência, porque trabalhou para nós a vida toda, sacrificando-se de modo extraordinário; se fosse outro tipo de mulher, sabe-se lá o fim desastroso que todos teríamos

tido quando crianças; talvez nenhum de nós hoje estivesse vivo [...] (GRAMSCI, 2005a, p. 466).

Concomitante a este fato, Gramsci começa a desenvolver uma deformidade física. Era uma corcunda, que todos acreditavam ter sido causada por uma queda. Essa deformidade debilitou sua saúde e prejudicou seu crescimento físico, pois já na idade adulta, ele chegou apenas à altura de 1,5 metro. A enfermidade de Gramsci lhe acompanhará por toda a vida, sendo diagnosticada no cárcere pelo médico Umberto Arcangeli: “Antonio Gramsci sofre de mal de Pott. Tem lesões tuberculares no lóbulo superior do pulmão direito, que provocaram duas hemoptises, uma delas com quantidade notável de sangue. [...]” (FIORI, 1979, p. 344).

Mas, para Gramsci o seu defeito físico não era o maior problema, ele se preocupava com a miséria da família depois da prisão de seu pai. A família Gramsci morava em Ghilarza, na Sardenha. Era uma aldeia não muito próspera e sua economia era basicamente agrícola. Nino sempre foi um aluno de destaque na sala de aula, e suas notas eram reflexo disso. Porém, ao concluir o primário, surgiu um problema. Ghilarza era uma pequena aldeia e não possuía ginásio para Gramsci dar continuidade aos estudos.

[...] Assim, aconteceu a Antonio Gramsci, apesar de todos os *dez* obtidos na conclusão do primário, o que tinha acontecido a muitos outros meninos pobres, não só da sua terra: teve que renunciar aos estudos. Desse modo, seria necessário que ele fosse para outra cidade sarda, no entanto isso custaria o dinheiro que sua mãe não possuía. Diante disso, ficou impedido de cursar o ginásio e não prosseguiu nos estudos até a saída do seu pai da prisão. (FIORI, (1979, p. 34).

Sempre com a esperança de voltar a estudar, ele estudava em casa, algumas vezes sozinho, outras com a irmã Teresinha.

Francesco Gramsci saiu da prisão em 31 de janeiro de 1904 e voltou à Ghilarza. Ele havia sido preso em 9 de agosto de 1898, sob a acusação de peculato, concussão e adulteração de declarações. Com ele, volta um pouco de alegria à família Gramsci. Pouco tempo depois, já consegue um emprego e no final de 1905, possibilita Nino retomar seus estudos. Gramsci matricula-se no terceiro ginásio, devido à idade, em uma escola do município. Porém a escola não oferecia boas condições e para Nino que já tinha uma saúde frágil, isso era pior. Em 1908, Gramsci vai para Oristano, também na Região da Sardenha, concluir o ginásio.

Aos 18 anos vai morar com seu irmão Gennaro, em Cagliari, onde iria frequentar o Liceu. Aos 19 anos, quando concluiu o segundo colegial. Note-se que nesse momento

Gramsci, grande leitor, conhece os textos de Marx, como nos esclarece Coutinho (1981), muito mais por uma curiosidade intelectual do que por ação política.

Nesse mesmo período escreve seu primeiro ensaio jornalístico, trata-se do artigo Oprimidos e Opressores<sup>6</sup>, no qual aborda o tema dos povos oprimidos pelo colonialismo. Nele notamos o despertar das ideias socialistas e o estilo inteligente e irônico do futuro jornalista, “mas não digam aos italianos que os austríacos vieram nos trazer a civilização, até as colunas de mármore protestariam [...] as guerras foram feitas para o comércio não para a civilização” (GRAMSCI, 2004a, p. 44).

Para os estudantes pobres que possuísem o diploma colegial, eram ofertadas bolsas de estudo para a Universidade de Turim. Em 1911, foram ofertadas 39 bolsas e Gramsci não podia perder essa oportunidade. Apesar das dificuldades, conseguiu uma bolsa e foi estudar letras em Turim, onde trabalhou como jornalista de publicações de esquerda. “A Universidade era o centro exclusivo dos interesses do jovem Gramsci”, relata Fiori (1979, p. 96)

Aos 25 anos, retomava o gosto pela vida, pela política e pelo jornalismo. Teve seus artigos publicados em uma página de edição, onde assinava apenas A.G, e se destacou pela excentricidade ao invés do tradicional estilo de esquerda, iniciando também a escrever sobre teatro. O jovem que era apenas militante e jornalista começou a se destacar fazendo conferências na periferia de Turim. Já aos 28 anos, não lembrava mais àquele garoto tímido, com a saúde frágil e solitário. Gramsci estava estimulado com seu trabalho, escrevendo agora, exclusivamente, no *Avanti*, diário histórico do Partido Socialista Italiano. Cheio de saúde e vitalidade divertia-se como um menino.

“O extremismo de fortes núcleos de operários agia de uma forma que não podia deixar de preocupar Gramsci. Havia a tendência a romper imediatamente com o PSI – Partido Socialista Italiano – a desligar-se dele para constituir um novo partido, o Partido Comunista.” Destaca Giuseppe Fiori em seu livro. (1979, p. 174).

#### **Gramsci: intelectual orgânico da classe trabalhadora**

---

<sup>6</sup> Texto escolar escrito mediante solicitação do professor Vittorio Amedeo que substituiu o professor Garzia por ocasião de uma licença médica.

No bojo dos conceitos aprofundados por Gramsci, encontramos a proposição do intelectual orgânico, ou seja, aqueles que expressam, organizam, defendem os objetivos do grupo social ao qual estão vinculados, isto é, pertencentes a uma classe e entrelaçados nas relações sociais dão a esse grupo do qual se originam, homogeneidade e consciência de sua própria função:

Todo grupo social, nascendo no terreno originário de sua função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político: o empresário capitalista cria consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito, etc. (GRAMSCI, 2011b, p. 15).

Vale esclarecer que para ser intelectual orgânico de uma determinada classe não basta pertencer a ela economicamente, mas é necessário estar entrelaçado nas relações sociais. Isto posto, entendemos que o próprio Gramsci foi um intelectual orgânico da classe trabalhadora.

Para o filósofo italiano, o intelectual orgânico – ligado à classe trabalhadora – deve ser o educador das massas, que com ela também se educa, de forma a construir um homem integral, refutando, assim, o caráter unilateral da educação destinada à classe trabalhadora. De acordo com a teoria gramsciana, ao educador cabe a tarefa de contribuir para a elevação cultural das massas, colaborando para a formação de indivíduos que possam apreender a totalidade da realidade em que vivem e consequentemente tornarem-se sujeitos capazes de agir e transformar essa mesma realidade.

Podemos observar Gramsci como intelectual orgânico da classe trabalhadora já em Turim, quando participa de um importante momento da história de lutas da classe operária em Turim, foi o período conhecido como *Biênio rosso* (biênio vermelho) nos anos de 1919 e 1920 como bem relata o estudo realizado pelos pesquisadores Mário Maestri e Luigi Candreva (2007) em sua obra Antonio Gramsci: vida e obra do comunista revolucionário.

Fiori nos dá um panorama do cenário que se encontrava a Itália naqueles anos:

A 19 de março, em Turim, 6.500 operários automobilísticos desertaram das fábricas. Os patrões ameaçaram despedir aqueles que até o dia 25 não se apresentasse ao trabalho, mas a frente da greve não sofreu rachaduras. A greve durou 96 dias. Gramsci ainda era estranho à organização socialista, mas não indiferente ao que acontecia. Também foi atingido por esse clima. (1979, p. 103 e 104)

Seja como jornalista ou até diretamente nas fábricas, a presença de Gramsci foi notável para articulação deste momento organização e luta da classe trabalhadora de Turim.

Na tentativa de suprir a lacuna deixada pelo partido, em abril de 1919, Gramsci juntamente com Tasca, Togliatti e Terracini<sup>7</sup> fundaram uma revista semanal de cultura socialista, intitulada *L'Ordine Nuovo*, cujo primeiro número saiu em 01 de maio de 1919<sup>8</sup>.

No início a revista não passou de uma resenha de cultura abstrata, mas como indica o jornalista sardo, a partir do número 7, “tramamos eu e Togliatti, um golpe de Estado redacional” (GRAMSCI, 2004a, p. 403) e o objetivo central do semanário passou a ser a transformação das comissões internas em Conselhos de Fábrica.

Nas comissões internas<sup>9</sup> Gramsci vislumbrava um “germe de soviète”, entretanto na prática elas funcionavam como “correia de transmissão do sindicato” e esse era um dos pontos que ele reivindicava a mudança “as comissões internas são órgãos de democracia operária que é necessário libertar das limitações impostas pelos empresários e nos quais é preciso difundir vida e energia novas” (GRAMSCI, 2004b, p. 247).

Outro ponto importante nesse processo de transformação seria que o Conselho de Fábrica proposto deveria surgir da escolha de “todos” trabalhadores, não importando a orientação política, ideológica ou filiação sindical.

Ora, contrários aos sindicatos, que para Gramsci, “revelou-se nada mais que uma forma da sociedade capitalista, não uma superação potencial desta” isto é, “ele organiza os operários não como produtores, mas como assalariados” (GRAMSCI, 2004b, p. 299), os Conselhos teriam a missão de permitir aos operários se apropriarem de todo o processo de

---

7 Mais tarde o próprio Gramsci teria feito menção a participação de mais dois fundadores

8 Inicialmente com 300 assinantes e 3 mil exemplares, em 1920, subira para 5 mil exemplares e 1,5 mil assinantes.

9 Embora tenham surgido em 1906, de modo tímido, as comissões internas jamais foram um fato aceito pacificamente pelos empresários; somente no fim da guerra, em 1919, é que a Associação dos Industriais estipula com a Federação dos Metalúrgicos a aceitação das comissões, ou seja, o reconhecimento mesmo explícito do direito dos operários de ter uma representação no interior da própria fábrica. As Comissões Internas, segundo o pacto, tinham a finalidade principal de garantir e defender, no local de trabalho, os direitos dos trabalhadores (à participação nos prêmios de produção, a condições adequadas de trabalho, etc). Os dirigentes da Comissão deveriam ser eleitos pelos próprios operários sindicalizados; eles eram, assim, os delegados do sindicato de categoria no interior da empresa, já que eram indicados diretamente pelas direções sindicais. Para usar um termo que entraria em moda mais tarde, a Comissão era uma simples “correia de transmissão” do sindicato, gozando de escassa autonomia. E é precisamente essa características que Gramsci e seus amigos pretendem modificar. Antes de mais nada, trata-se de fazer da Comissão Interna um organismo representativo de todos os trabalhadores da fábrica, incluindo os técnicos e os engenheiros (COUTINHO, 1999, p. 29-30).

produção, determinando assim sua autonomia e criando condições para que o operariado pudesse se tornar dirigente.

Em setembro de 1919, 2 mil operários da Fiat-Brevetti elegeram o primeiro Conselho de Fábrica, e a seguir, a comissão interna da Fiat-Centro renunciou. Essa conquista tinha também um caráter internacional, já que:

Em meados de julho de 1920, o partido bolchevique conseguira estabilizar-se no governo da Rússia. Porém, o movimento dos conselhos e a revolução foram derrotados na Alemanha e na Hungria, com o apoio ativo da social democracia. A esperança de um avanço revolucionário na Europa que aliviasse a pressão sobre a Rússia soviética depositava-se agora, sobretudo na Itália, onde o forte PSI aderira, totalmente à Terceira Internacional. (MAESTRI e CANDREVA, 2007, p. 97).

Apesar de todos os esforços, a classe trabalhadora foi derrotada em 19 de setembro, em Roma, após a aliança entre sindicatos, partido e classe patronal, sendo obrigada a devolver o comando da fábrica aos patrões nos dias 25 a 30 de setembro. Estes, no retorno ao comando perceberam que a força da classe operária deveria ser combatida.

Durante todo o período de ocupação das fábricas o L'Ordine Nuovo, jornal no qual Gramsci era um dos fundadores, havia funcionado como direção teórica para o movimento, chegando nos momentos mais críticos a ser fechado por Gramsci que ia à fábrica na tentativa de auxiliar os operários na administração.

Após a derrota dos Conselhos, o grupo do L'Ordine Nuovo se dissolveu e a situação da esquerda dentro do PSI agravou-se. No artigo de 08 de maio, Gramsci já se colocava a favor da necessidade de renovação do Partido Socialista. Esta posição se afinava a proposta apresentada no II Congresso da Internacional Comunista, realizado entre 19 de julho a 7 de agosto, em Moscou, que apresentava as “21 condições” para a filiação dos partidos à III Internacional, exigindo a expulsão dos reformistas de seus quadros.

Em 21 de janeiro de 1921, no XVII Congresso do PSI, uma fração comunista decidiu constituir o Partido Comunista da Itália. Nesse mesmo período Gramsci, além de criticar os sindicatos, os reformistas e os centristas maximalistas passa também a analisar o conteúdo de classe do movimento fascista, “[...] Antonio Gramsci é, neste ponto, um pioneiro, pois já em 24 de novembro de 1920 ele escrevia no *Avanti!*: o fenômeno do ‘fascismo’ não é somente italiano, tal como não é somente italiana a formação do partido comunista (KONDER, 1977, p. 35).

Foi candidato a deputado nas eleições de 1921, as primeiras após a constituição do Partido Comunista, mas não conseguiu se eleger.

O período que procedeu a derrota dos Conselhos de Fábrica levou Gramsci a um intenso empenho intelectual pelo entendimento das razões que levaram o movimento ao fracasso. Atribuindo a si uma tarefa revolucionária, o sardo se debruçou, numa pesquisa dialética de todo o cenário que encontrava ao seu redor.

Como detalhamos anteriormente, o movimento operário no biênio vermelho (1919-1920) parecia apresentar – à exemplo da Rússia em 1917 – todas as condições necessárias para o estabelecimento da revolução proletária na Itália, entretanto a revolução não se efetivou, dando lugar a ofensiva capitalista.

A tarefa de Gramsci foi favorecida pelo fato de que, em maio de 1922, foi enviado a Moscou juntamente com Bordiga e Antonio Graziadei como representante do Partido Comunista da Itália, isso lhe permitiu conhecer de perto a realidade de outra forma de Estado, o estado proletário, bem como as novas experiências de ensino nesse contexto, [...] Gramsci, de fato, durante sua estada na União Soviética, nos anos difíceis de 1922 e 1923, certamente conheceu e acompanhou com atento interesse, os debates e as primeiras realizações no campo do ensino (MANACORDA, 2010b, p. 143).

Ao chegar a Moscou, Antonio se viu doente, deprimido, desnutrido, e com um cansaço físico exaustivo devido a sua deformidade. Já em Moscou, Gramsci conhece Eugênia Schucht, uma moça um pouco mais velha que ele e muito atenciosa que sempre demonstrava muita simpatia. Vinha de uma família abastada, o que a permitia viver com tranquilidade. Uma das irmãs de Eugênia, Giulia Schucht, uma violinista, cinco anos mais nova que Gramsci, o encantou. Quando Gramsci a viu pela primeira vez, alta, pele clara, olhos tristes, ficou encantado e ao mesmo tempo, assustado, com esse sentimento, pois seu físico o deprimia. Tinha consciência da sua deformidade e com isso o medo de uma desilusão. Mas, depois se casou com Giulia, com quem teve dois filhos.

Em 8 de novembro de 1926, a polícia fascista prendeu Gramsci e, apesar de sua imunidade parlamentar, levaram-no à prisão. Inicialmente recebeu uma sentença de cinco anos de confinamento. Foi preso pelo regime fascista de Benito Mussolini. Sobre o julgamento, Fiori comenta:

“Na sessão de 30 de maio, o primeiro a ser interrogado foi Antonio Gramsci. O ministério público tomou a palavra na sessão de 2 de junho. Despejou uma violenta exposição de motivos. Em relação à Gramsci disse: “Por vinte anos devemos impedir que este cérebro funcione”. Gramsci foi condenado a 20 anos, 4 meses e 5 dias.” (1979, p. 284 e 285).

Porém, ficou até dezembro de 1933, quando por graves motivos de saúde foi transferido, primeiro, para a enfermaria do cárcere de Civitavecchia e, depois, sempre na condição de preso, para uma clínica privada de Formia. Só em outubro de 1934 foi posto em liberdade condicional, mas permaneceu na mesma clínica de Formia, não tendo condições de retomar a atividade normal em razão da saúde comprometida. Morreu em 1937, em Roma.

Na prisão, escreveu os textos reunidos em *Cadernos do Cárcere* e *Cartas do Cárcere*. Tendo várias vezes se negado a publicar seus escritos, entendidos como passageiros, que deveriam morrer ao final do dia, agora ele se colocava diante da ideia de um estudo que lhe permitisse não sucumbir ao processo de embrutecimento humano causado pelo cárcere e ao mesmo tempo continuar contribuindo com a luta pela emancipação humana, que agora entendia ser um processo de longa duração.

Coutinho nos indica a dimensão da influência da obra gramsciana produzida no cárcere:

Quando morreu, em 27 de abril de 1937, Gramsci não podia ter a menor ideia de que esses apontamentos carcerários, que ocupam cerca de 2.500 páginas impressas, tornar-se-iam uma das obras mais influentes, comentadas e discutidas do século XX. Nenhuma área do pensamento social – da filosofia à crítica literária, da política à sociologia, da antropologia à pedagogia – ficou imune ao desafio posto pela publicação póstuma dessa obra de Gramsci. Traduzidos em inúmeras línguas, os chamados *Cadernos do Cárcere* deram lugar a uma imensa literatura secundária, que de resto cresce cada vez mais, igualmente difundida em múltiplos idiomas (1981, p. 8).

No cárcere escreveu 33 cadernos, assim chamados por serem cadernos escolares, dos quais 4 foram destinados à traduções e 29 sobre temas diversos. É importante lembrar que a redação de tais cadernos não ocorre imediatamente após sua prisão.

### **Considerações finais**

Gramsci foi um pensador que influenciou diversas áreas do conhecimento tais como a filosofia, sociologia, jornalismo e educação, mas, sobretudo, foi um intelectual comprometido com um projeto de emancipação humana. Nesse sentido, tornou-se um intelectual orgânico da classe trabalhadora.

Sua vida corroborou com o pensamento de Marx, que havia trago uma inovação em relação a concepção de intelectuais, ou seja, na visão do filósofo de Trier, os intelectuais não deveriam permanecer apenas no campo das ideias, mas deveriam estar envolvidos diretamente nos grupos sociais e ligados as lutas operárias.

De acordo com a teoria marxiana, o novo intelectual deveria interagir com o ser de forma científica, crítica e revolucionária, relacionando-se diretamente com seu próprio grupo social possibilitando uma melhor visão do funcionamento da sociedade, com o intuito de definir-se diante dos conflitos.

Dito de outra forma, Marx sinalizava que os intelectuais deveriam envolver-se em contextos histórico-econômicos com o intuito de compreender a realidade a qual estava inserida a classe subalterna, ampliando a visão de mundo para a construção de suas teorias.

Ora, seria necessário que os intelectuais tivessem empatia com os explorados, pois sendo vítimas do sistema reconheciam claramente suas vivências no trabalho alienado, e assim, a partir dessa classe desprovida de suas necessidades básicas, poderia surgir a oportunidade de fazer uma revolução emancipadora. A partir do proletariado, com o apoio dos intelectuais.

Diante dessa nova visão de Marx sobre o intelectual, Gramsci acreditava também que o conhecimento da sociedade e a compreensão de si mesmo se dariam pelo envolvimento direto na luta contra a hegemonia da classe dominante.

Em contrapartida aos pensadores de sua época que desejavam a elitização dos intelectuais e separavam a política da ciência, Gramsci ressaltava a importância do saber popular, na busca da passagem do senso comum a consciência filosófica, defendendo a socialização do conhecimento, recriando a função no novo intelectual, o inserindo nas lutas políticas em favor dos oprimidos pela classe dominante.

Entendemos assim que Gramsci foi um pensador revolucionário, visto que legou a humanidade uma teoria que tinha como horizonte a ruptura com o sistema de exploração do homem pelo homem, o capitalismo, visando um projeto de emancipação humana.

### **Referências bibliográficas**

COUTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci**. Porto Alegre: L & PM, 1981.

FIORI, Giuseppe. **A vida de Antonio Gramsci**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

\_\_\_\_\_. **A concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

\_\_\_\_\_. **Escritos Políticos, v.1: 1910-1920**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004a.

\_\_\_\_\_. **Escritos Políticos, v.2:** 1921-1926. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004b.

\_\_\_\_\_. **Cartas do Cárcere, v.1:** 1926-1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Cartas do Cárcere, v.2:** 1931-1937. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005b.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do Cárcere, v.1:** Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011a.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do Cárcere, v.2:** Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011b.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do Cárcere, v.3:** Maquiavel. Notas sobre o estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011c.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do Cárcere, v.4:** Temas de Cultura. Ação Católica. Americanismo e Fordismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011d.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do Cárcere, v.5:** O *Risorgimento*. Notas sobre a Itália. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011e.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do Cárcere, v.6:** Literatura. Gramática. Folclore. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

KONDER, Leandro. **Introdução ao Fascismo**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

MAESTRI, Mário. CANDREVA, Luigi. **Antonio Gramsci: vida e obra de um comunista revolucionário**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Ideologia Alemã**: São Paulo, 2007.

TONET, I. **Educação contra o capital**. Maceió: Edufal, 2007.

\_\_\_\_\_. **Educação, Cidadania e Emancipação Humana**. Ijuí: Unijuí, 2005.